

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP  
CAMPUS BINACIONAL DE OIAPOQUE  
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA - CLII

*Karapujano Wajapi*

Matrícula: 2017000117

Turma 2017

RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO II  
ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Professora orientadora: Dr<sup>a</sup> Mary Gonçalves Fonseca

Terra Indígena *Wajapi*, Aldeia *MUNU'Y*

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP  
CAMPUS BINACIONAL DE OIAPOQUE  
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA - CLII

*Karapujano Wajapi*

Matrícula: 2017000117

Turma 2017

RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO II

Relatório Final de Estágio Supervisionado II apresentado por *Karapujano Wajapi*, à professora Mary Gonçalves Fonseca, membro da Comissão de Estágio Supervisionado do Curso de licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá, UNIFAP – Campus Binacional Oiapoque, como um dos requisitos para conclusão do Curso.

Aldeia Aramirã, 2023

## SUMÁRIO

I.	INTRODUÇÃO.....	3
	I.I APRESENTAÇÃO	
	I.II EREKOKWERA	
II.	OBSERVAÇÃO DA ESCOLA.....	
III.	PRÁTICA DOCENTE.....	
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	
	REFERÊNCIAS	

## I. INTRODUÇÃO

Este relatório tem como objetivo descrever e pensar sobre o a minha vivência como Diretor da Escola Indígena Estadual Okaray, sobre a organização da escola e reflexões sobre educação. Falo sobre o trabalho na escola, alunos, ensino e aprendizagem e modos de vida *Wajapi*. O meu estágio supervisionando II, foi realizado na aldeia *Okara*, localizada na Terra Indígena *Wajãpi* de município de Pedra Branca do Amapari.

Primeiro explico quem sou e minha formação, faço descrição da escola e sobre a organização e gestão, também escrevo o que penso sobre a educação: educação indígena e escolar *Wajapi*.

Faço uma análise sobre organização e funcionamento da escola, explico que o calendário da escola deve acompanhar o trabalho da comunidade, para não atrapalhar o modo de vida *Wajãpi*.

### I.1 *Erekokwera*

Meu nome é *Karapujano Wajapi*, sou *Wajapi*, falante da minha língua materna, uma língua tronco linguístico *Tupi Guarani*. Nasci em janeiro de 1991, na Terra Indígena *Wajapi* na aldeia *Aramira*, localizada no município de Pedra Branca do Amapari. Nome do meu pai é *Seki Wajapi*<sup>1</sup> e a minha mãe é *Kasawa Wajapi* que estão vivos ainda. Somos do grupo *tavu wana*. Moro na Terra Indígena *Wajapi*, Estado do Amapá, no norte do Brasil.

Fui alfabetizado na aldeia, estudei com meu pai *Seki Wajapi*. Estudei do 6º ao 9º ano do ensino fundamental e ensino médio em escolas da cidade de Macapá.

Sou aluno do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (UNIFAP) de município de Oiapoque Amapá, da turma de 2017.

Sou diretor da escola e tenho uma função de liderança indígena *Wajapi* na minha aldeia *Munu 'y*, onde atuo como diretor na Escola Indígena Estadual *Okoray'ry* desde junho de 2018, quando comecei a trabalhar nessa escola. Em junho de 2018 as lideranças e chefes *Waiãpi* me indicaram para assumir a função de **diretor** da Escola Indígena Estadual *Okora 'yry*.

---

<sup>1</sup> Ele foi aluno da primeira turma do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena.

***Início de educação da minha infância:*** Quando eu tinha 3 a 5 anos de idade ainda não sabia ler e nem escrever, falava somente na minha língua, *Wajãpi*, aprendi a brincar, tomar banho no rio, pescar, caçar passarinho com as flechas, aprendi também a fazer artesanatos, como abano, cestaria e outros. O meu pai *Seki Waiapi* e minha mãe *Kasawa*, assim como meu tamõ (avô) finado *Kuruwari Waiapi*, me ensinavam de tudo, como a respeitar a realidade do meu povo e o nosso modo de vida.

Com 8 anos de idade aprendi muitas coisas na aldeia, com 8 anos a criança já tem autonomia para ter liberdade de aprender o que quiser. Com 10 anos comecei a estudar com o meu pai, meu primeiro professor, na Escola *Aramirã*.

Depois teve um professor *Wajãpi*, de nome *Parara Waiapi* (finado), com quem pude estudar novamente. Com outro professor, encontrei grande dificuldade na sala de aula, não me senti muito bem, porque estava acostumando a estudar com o meu pai. O professor *Parara* convidou muitos outros alunos e a turma ia cada vez mais aumentando, com diferentes idades.

O professor *Parara* tentou me alfabetizar em português, ensinar a ler e a escrever, desenhar, mas não consegui compreender aquela aula do professor. Quando estava na sala de aula sentia falta de poder fazer outras coisas, como banhar no rio, brincar fora do rio, porque professor trabalha com um horário específico e eu entrava na sala de aula cedo da manhã, pelas 7 horas e ficava sentado na cadeira de taboa até o meio dia. O professor falava e eu olhava para ele, que falava para todos, dizia: – Vamos fazer desenho? Cada um vai escolher o que que desenhar! O problema era que eu não conseguia perguntar para o professor, para nós isso é falta de respeito aos mais velhos, pois eu lembro que o meu pai me falou sobre o respeito para conversar com os mais velhos. Então eu pensei, como posso estudar com esse professor se ele não é meu pai?! Ele é mais velho, nem posso perguntar o que queria saber. Se o professor fosse meu pai, eu conseguiria falar tranquilamente em aula. Por isso que eu não consegui ficar estudando direito com outras pessoas, pois quando estamos acostumados com uma pessoa, fazemos brincadeira livremente, fazemos flechinha, pescaria no igarapé, entre outras atividades. Assim, mesmo com dificuldades em estudar com esse professor *Parara*, eu já tinha aprendido o básico na escrita da minha língua com meu pai.

A partir desse momento não parei mais de estudar. Gostava de falar “*owari*, que no português significa “bom dia”. Cumprimentava tudo mundo, qualquer pessoa que aparecesse na minha presença, para poder falar na minha língua, pois a primeira coisa que aprendi no português foi “bom dia”. Eu sempre observei a fala dos não índios, como da

equipe da Funai (Fundação Nacional dos Povos Indígenas) e da saúde. Os pilotos fluviais e terrestres falavam “bom dia” todo o tempo, usavam essa expressão e abraçavam outros colegas.

Em 2007 eu terminei o período do 1º ao 4º ano na Escola Indígena Estadual *Aramirã*. Em 2008, entrei para o Curso de Agente Indígena de Saúde *Waiãpi*, chamado de formação dos AIS *Wajãpi*. Esse Curso foi ofertado pela organização não governamental Instituto de Pesquisa e Formação Indígena (IEPÉ), assim, fiz ele por 3 anos e meio, pois não tinha prazo para terminar os módulos. Não cheguei a terminar o Curso. Também no ano de 2007 e 2008 não tinha ainda Ensino Médio nas escolas *Waiãpi*, somente havia o Ensino Fundamental. Por isso, meu pai e minha mãe me mandaram estudar na cidade de Macapá, para concluir o Ensino Médio.

Meu pai queria muito que eu estudasse, para que soubesse ler e escrever, tanto na língua portuguesa quanto na minha própria língua materna. Principalmente, queria que eu estudasse a cultura *Wajapi*, as histórias do povo, porque nós *Wajapi* contamos histórias oralmente, não líamos, não tínhamos nossas histórias escritas e que pudessem ser lidas e contadas. Na época, não tínhamos a escrita *Wajãpi* e nem o audiovisual. A nossa história é contada pelos anciões, que são os nossos historiadores, aqueles que narram o que sabem.

Eu perguntei para meu pai porque ele me mandou estudar na cidade de Macapá com os *karaikõ*. Ele disse que se eu não fosse estudar: – *“Quem poderia escrever a história dos Wajãpi?!: – Será que essa história vai permanecer para sempre assim se você não escrever ela, para colocar na escrita?!”* Disse meu pai, e continuou: – *“Será que a cultura em geral não vai desaparecer para sempre daqui para o futuro? pois não temos nada transcrito do narrado pelos anciões.”*

No ano de 2011 tive que sair para estudar na cidade de Macapá, ainda não havia terminado o Ensino Fundamental. Entrei para estudar na Escola Estadual Maria Mãe de Deus, que fica na zona norte de Macapá, no bairro Brasil Novo I, onde pude concluir o meu Ensino Fundamental, séries finais. Para estudar o Ensino Médio, me transferir para a escola Estadual Professora Maria Cavalcante Azevedo Picanço, que fica no mesmo bairro, no outro lado da avenida. Terminei o Ensino Médio em 30 de dezembro de 2015.

Longo depois, retornei a aldeia quando, relembrei tudo que tinha na aldeia. Neste momento eu estava trabalhando para minha mãe, fazendo roça para ela. O meu pai falava sobre a Licenciatura Intercultural Indígena, curso de formação de professores indígenas que ele fazia e era o primeiro aluno *Wajãpi* da Turma 2007. Assim, eu pensei que um dia queria continuar, ser agente de saúde, um profissional ou professor. Então eu fiz a prova

de vestibular em campus de Macapá em final de ano de 2016, é assim que eu entrei na UNIFAP curso de CLII.

Estou concluindo o Curso de Licenciatura Intercultural Indígena na UNIFAP, estudei em Oiapoque Amapá, sou da turma de 2017. Escolhi a área de Ciências Humanas, gostei de estudar história. Aprendemos e temos conhecimentos através da história, tentando buscar conhecer a história do meu povo *Wajapi*, para não esquecer a memória, os fatos, sujeitos e as fontes de nossa história. Continuar contando a história oralmente, ouvir, ensinar e registro, na escrita documentar a História do Povo *Wajapi*. Quero conversar com meu avô sobre histórias de antigamente, como viviam, os acontecimentos que foram importantes para meu povo, para documentar e escrever um livro de história do Povo *Wajapi*, para trabalhar com alunos na escola, em língua materna.

Eu estudei os 4 anos de UNIFAP, não concluí as disciplinas do curso presencialmente, no campus de UNIFAP Oiapoque, a última disciplina eu concluí pela via de ensino remoto, internet, me conectando de lá da minha aldeia *MUNU'Y*, quando tinha sinal de internet e energia solar, foi difícil participar de aula para concluir a disciplina, por causa que teve a pandemia COVID 19 em Oiapoque, no Brasil inteiro e também pelo mundo inteiro, por isso que não teve aula presencial. Antes da pandemia, todos os semestres eu tinha que sair da minha aldeia para estudar na UNIFAP na cidade de Oiapoque.

Eu sempre fui de carro com o frete pagando para ir a Macapá, que custa mais de 650 e 1200,00 para chegar em Macapá, são mais de 5 a 6 horas de viagem aldeia a Macapá. Assim que chegava em Macapá, ficava um dia em Macapá, outro dia eu continuava a minha viagem para ir ao Oiapoque pela linha de ônibus para chegar até o lugar do meu curso de licenciatura intercultural indígena (UNIFAP). Assim que chega em Oiapoque, tem que procurar o lugar para ficar, no hotel ou aluguel de casa, que custa mais ou menos 100,00 diárias de hotel e aluguel de 750,00 por aí.

Quando eu comecei estudar primeira no curso de CLII, não conhecia muito o funcionamento do campus UNIFAP, como as regras de instituição, não conhecia professores, os meus colegas são todos de outras etnias como *Karipuna*, *Galibi Marwono*, *Kalinã*, *Palikur* e outros povos do Parque do *Tumukumaque*. Eu e meus colegas, ou seja, meus parentes, comunicamos pela língua portuguesa, porque cada etnia fala línguas diferentes, eu consigo entender a comunicação pelo português. Os meus professores de ensino de curso de licenciatura intercultural indígena são bons professor, preparados para ensinar, então cada semestre aprendia muito, novos temas ou como conhecimentos tanto

da história quanto do ensino de língua portuguesa, toda vez que eu tenho dificuldade, fui perguntar para professor, tirou todas as minhas dúvidas me explicou muito bem.

Quando eu estou estudando na UNIFAP sou estudante indígena, na aldeia eu sou como liderança indígena *Wajapi*, sempre estou com as lideranças chefes *Wajapi* e com os professores *Wajapi*, participando de reuniões locais e regionais. Eu tenho três funções estou fazendo também papel de liderança, **diretor da escola** e também sou estudante.

Aprendi muitos conhecimentos através do meu estudo, toda vez que eu fui participar numa reunião tanto da educação, quanto da saúde e a cultura, sempre tenho novas ideias de aprendizagem, como em durante do meu Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, também tenho muitas novidades e ideias boa. Uma vez os colegas me perguntam: o que você vê aqui em curso de licenciatura? Eu foi respondendo: eu vejo muitas coisas, aqui em campus de UNIFAP com os professores que estão preparação de conhecimentos de alunos para conhecer os trabalhos, e daqui vão sair como verdadeiros chefes e atuarem como bons professores das suas aldeias. Continuo dizendo por isso mesmo como nós estudantes em formação para ser professor, temos de focar muito com nosso estudo aqui em curso de UNIFAP, podemos aproveita grande oportunidade, estão tendo para nós como alunos. Então precisamos que o UNIFAP continue sempre em pé para que nós como povos indígenas diferentes etnias possamos estudar e ter boa formação para ser bom professor para melhorar a educação escolar das aldeias. Vamos lutar para UNIFAP continuar oferecendo cursos para atender aos interesses e necessidades de formação acadêmica dos povos indígenas, digo para meus colegas nome dele é docente *Seki Wajapi ele e meu pai e também e o meu instrutor*.

Diretor: Escola Indígena Estadual *Okora'yry*.

Tenho a função de diretor da escola e liderança indígena *Wajapi* na minha aldeia *Munu'y*, que fica da BR 210, numa única estrada que liga a Macapá e a aldeia indígena *Wajapi*. Sou diretor na Escola Indígena Estadual *Okorayry* desde junho de 2018, quando comecei a trabalhar. Em junho de 2018 as lideranças e chefes *Waiãpi* me indicaram para assumir a direção da Escola Indígena Estadual *Okora'yry*. No início foi muito difícil, não conhecia muito sobre gerenciamento escolar, não estudei e nem tive orientação, aprendi na prática. Preciso estudar muito para compreender e conhecer melhor a coordenação pedagógica e a burocracia da SEED. Na escola estudam 75 alunos, que começam estudar com seis anos de idade. Tem seis professores indígenas: professores *Pejan Waiapi*, professor *Japu Waiapi*, *Mo'i waiapi*, *Japaita*, *Seki* e *Nameu*. A escola *Wajapi* é organizada



através da comunidade que tem o poder de decidir sobre a educação escolar *Waiapi*, tem sede com oito escolas e salas anexo são 48 funcionando, em diversas aldeias.

Os meus parentes me escolheram porque sempre estou à disposição para enfrentar qualquer trabalho na comunidade, nas reuniões, festas, mutirões. Quando a comunidade luta para melhoria da educação, da saúde, território e cultura, estou à disposição para me juntar e lutar. A comunidade espera que eu não desista de lutar. Os meus parentes me escolheram pelo meu conhecimento, muitas vezes eu acompanho os trabalhos dos chefes e lideranças *Wajapi*. Por exemplo, em atividades da comunidade, como nas festas, reuniões, limpeza de demarcação da Terra Indígena *Wajapi*. Assim, a comunidade percebeu minha disposição e vontade de enfrentar com qualquer coisa dentro da terra. As vezes tenho dificuldade de trabalhar e acompanhar as atividades da comunidade, mas mesmo assim eu continuei circulando e consigo trabalhar por aqui junto com o meu povo. Todos esperam que eu seja uma liderança daqui para o futuro, os chefes que partirem esperam que eu lute e defenda o meu povo *Wajãpi*, além de ser porta voz da comunidade.

## II. NOTAS SOBRE EDUCAÇÃO: UNIFAP E A ESCOLA ARMIRÃ

Eu fiz uma observação durante do meu estudo, na instituição de UNIFAP. Neste campus estudamos muito, seja sobre realidades indígenas, diversas culturas, modos de vidas, muitas mais diversas aprendizagens, não dá para citar todas elas, docentes são mestres, doutores homens e mulheres. Tem coordenação e diretor do campus, seguranças do campus. Salas de aula com quadro, cadeiras, Datashow e central de ar, tem uma biblioteca e transporte de UNIFAP que conduz os alunos do campus até o centro e alguns bairros da cidade. Tem pinturas indígenas nas paredes, cada pintura representa os indígenas.

Fora da instituição, são todas visões diferentes, como tem festas, bebidas, comida, carnaval, brigas, fumo, dinheiro, ouro, dinheiro internacional, mercados brasileiros, mercados internacionais, cidadãos brasileiros e cidadãos internacionais, diversas línguas como português, francês, espanhol, indígenas e outros. Tem lideranças, autoridades como prefeitos, vereadores, deputados, lideranças indígenas, hospital, FUNAI, IEPE, agências de bancos diferentes, escolas estadual e municipal. Polícia federal e municipal. Trocas de mercadores e financeiros, casamentos entre diversos cidadão todos misturando, mar rio grande, catraieiros, ponte de binacional que liga o Brasil e a Guiana Francesa. Município

Oiapoque tem territórios como os brasileiros, franceses, indígenas e outros. Acesso de município Oiapoque é pela via terrestre, pelo mar e de aéreo. Então esses diversos de tipos de coisa eu observei de 2017 a 2023.

As escolas recebem somente alunos de *Wajapi*, não recebem os alunos *karaiko*. As equipes de diretores são todos não indígenas (*karaiko*). A administração da escola é juntos com os diretores e pedagogos, professores não indígenas, professores *Wajapi*, lideranças *Wajapi* e comunidade da aldeia. Toda a comunidade se envolve para decidir sobre a educação *Wajapai*. *Wajapi* sempre discute, não trazer modelo de educação escolar que não considere a educação *Wajapi*, não copiar modelo de educação da cidade, se não, nossa educação será atropelada, nossa educação vai diminuir. A educação *Wajãpi* valoriza nossa cultura, nossa língua, maneira de viver, modo de vida *Wajapi*, principal que não podemos esquecer. A educação *Wajapi* tem garantias nas leis e resoluções da educação.

A Resolução 05 de 2012 do Conselho Nacional de Educação – CNE, é um documento que Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica, nela tem orientações de como deve ser a gestão da escola indígena, os “ princípios da educação escolar indígena, com objetivos de proporcionar aos povos indígenas do Brasil, “[...] a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências”. Assim, compreendo que a educação *Wajapi* está assegurada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9.394/96, que “assegura a educação como um direito humano e social”. A nossa educação tem como fundamento viver no território, que abrange o trabalho, a maneira de organizar, de ficar feliz. A educação é para aprender e conhecer, conhecimentos para ajudar a desenvolver a cultura, o trabalho dia a dia para sobreviver, para organizar o povo e a comunidade no presente e para o futuro. Com autonomia, para a chefia, os casamentos, as roças, as colheitas das frutas, festas e pintura corporal, já temos a nossa própria educação. Valorizamos muito a nossa educação diferenciada, não podemos entrar muito com a educação escolar, se não vai prejudicar o modo de vida do conhecimento *Wajapi*, precisamos conhecer e estudar mais sobre educação escolar, para saber qual é o objetivo da escola, assim podemos trabalhar juntamente com boa qualidade ensino.

A escola organiza um calendário, mas a SEED não respeitar, está funcionando de acordo com o calendário de Secretaria de Estado, queremos trabalhar de acordo com o calendário diferenciado, o povo *Wajapi* está reivindicando, lutando para SEED

reconhecer, escola *Wajapi* na aldeia. Precisamos sentar com representantes da educação para que a escola seguir o caminho que queremos.

Em 2010, foi implantado o 6º ao 9 ano do Ensino fundamental e Ensino Médio modular, na escola *Aramira* onde os maioria dos alunos seguem seus estudos. Os professores são não indígenas, eles trabalham com o SOMEI *Wajapi*, mas tem também 3 professores indígenas, formados na Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, eles estão atuando nas salas como professores SOMEI, o professor de matemática é *Seki Wajapi* que é habilitado em licenciatura em área de Ciências da Natureza, o professor de língua *Wajapi* é *Makaratu Wajapi*, da área de linguagem e códigos, o professor de cultura *Wajapi* é *Aikyry Wajapi*, a habilitação dele é Linguagens e Códigos. Demais professores não indígenas são disciplina de matemática, português, geografia, história, arte, educação física, ensino religioso, francês. Esse ensino a escola oferecer para Escola Indígena Estadual *Aramira*.

### **O que faz um professor indígena?**

A minha primeira experiência como professor, foi no meu estágio supervisionado I, realizado na Escola Indígena Estadual *Aramira* com o professor Pacheco que e o professor da história. Essa escolar fica a mais de 3 km da minha aldeia, eu foi pedir um apoio para diretor da escola, para entrar também no transporte das escolas dos alunos. E o diretor da escola Evilazio Ribas Pereira atendeu o meu pedido, então todos os dias eu pegava a kombi que é a transporte escolar para ir junto com os alunos para chegar até a escola onde estagiava com o professor SOMEI que e o professor não indígena (*karai ko*). Tem aula de manhã e tarde também. O nome do motorista do transporte escolar é Romildo Cesa de Sousa. Todas pela manhã eu ficava esperando o kombi que é o transporte escola para eu ir com ele até a escola indígena estadual *Aramira*, onde faz a observação do meu estagio supervisionado. O transporte escolar passa em horário de 7:10 da manhã. No primeiro dia de meu estagio, eu perdi o transporte, já tinha passando direto e o motorista não sabia que eu precisava de transporte escolar, esqueceu que diretor da escola já havia avisando a ele. E depois ele me pediu desculpa. No segundo dia fui de transporte escolar para chegar até a escola, quando eu fiz o meu estagio.

Eu chequei conhecendo alunos, quando entrei da sala de aula disse “bom dia? para todos alunos e também para professor, merendeira e serventes. A escola *Aramira* tem lanche

antecipado para alunos que é o café da manhã, então a lanche não está tendo em horário de intervalo em dez horas, pela manhã já tinha mingau de milho e também muitas vezes lanches não está tendo e atrasando, por que as merendeiras moram um pouco distante da escola.

O professor inicia aula pela de manhã as 7:30 horas, alunos chegavam entravam na sala, cada um sentava em suas cadeiras da sala de aula. Cada um conversa com seu parente, quem não tem fica quieto, quem está com seu filho pequeno, fala com o filho.. Era turma que estudava no modular – SOMEI. Algumas alunas entram com seus filhos pequenos do colo nas salas de aula, algumas alunas trazem seus maridos como acompanhante, os maridos das alunas que não estudam, esperam suas esposas estudarem, ficam fora da sala de aula para aguardar sua mulher quando está na sala de aula. Muitos Alunos são mulheres um pouco de masculino todos juntos na sala de aula. Alunos usam *Kamisa pira*, o vestuário tradicional do nosso povo. Alunos se tem dúvidas, fazem perguntas para professor.

O meu supervisor como professor Pacheco que é o professor da história é um senhor de 57 anos idade. O professor Pacheco usa livro de história para para ensinar a terceira (3ª) etapa, o nome do livro é **História e sociedade**.

Eu não conhecia muito bem o funcionamento da Escola Indígena Estadual Aramira. O diretor Evilazio Ribas me explicou como é o a funcionamento da escola, até que eu foi compreendendo o funcionamento da escola, e também o professor Pacheco que é o meu supervisor me deu uma explicação também o funcionamento e gerenciamento da escola Aramira. Eu foi conhecendo e praticando nesta escola como funcionamento, alunos, equipes de quadros, então durante do meu estagio eu fui conhecendo muitas coisas nesta escola, principalmente ensinamentos.

O professor explicou o objetivo: observar e conhecer conhecimentos da sociedade da história e de cidadania. O professor Pacheco elaborou um plano de aula sobre a cidadania o meu ponto de vista de observação cada dia de passa muitas coisas surgiu durante o trabalho de aula com o professor Pacheco. Eu não imaginava que numa escola que esta não aconteceria vários de tipo de ensino, durante a minha observação percebi que tem como trabalhar e fazer vários tipos de atividades para dar aulas para alunos. Conteúdos, recursos didáticos: o professor Pacheco usou o livro para ensina seus alunos durante sua aula. Eu fiz o planejamento de aula juntamente com o professor Pacheco que

foi orientando durante o estágio. Senti dificuldades para fazer planejamento, mas aprendi que o RCNE ajuda ter idéias de como trabalhar na escola da aldeia.

Na minha área de ciências humanas, preciso observar bem e pesquisar sobre a Organização social do meu povo *Wajapi*, é um importante conteúdo cultural que devo valorizar no ensino escolar. A organização social do meu povo *Wajapi*, vem de muito tempo, vivemos em comunidade, compartilhamos o mesmo território, somos organizados em clãs, e a compreensão da maneira como nossa sociedade *Wajapi* está organizada, é muito importante, para ensinar o valor dos nossos modos de viver em comunidade, na coletividade. As nossas relações de trocas não são mediadas pelo dinheiro, a terra não é de um dono só. O mato, os rios, os animais são donos das terras, vivemos juntos. Fazemos nossos rituais que orientam nossa educação tradicional, como o ritual da tocandira, os banhos na madrugada para ficar alerta, nossas festas e maneiras de narrar histórias. Nossa cultura, nosso jeito de viver.

A pratica pedagógica de realizar rituais e atividades culturais no dia a dia, deve ser conteúdos para ensino nas aulas, os conhecimentos, trabalhos, festas, casamentos, ensino de aprendizagem em contextos diversos, assim como usos da língua materna, nos fortalece como povo indígena e nos alegra. Como temos o nosso costume de usar na pratica o nosso calendário *Wajapi*, é importante o uso na educação escolar. Se a escola alterar nosso calendário nós não conseguiremos trabalhar, exemplo, tem um tempo de fazer roça, tempo de pesca, colheita de frutas, tempo de plantar, tem tempo de cantos dos pássaros e tem tempo de fazer festas. Mais não temos calendário escrito ou impresso, conseguimos praticar e conhecer nosso calendário através da observação cada espaço, aspectos, objetos, tocamos para saber objetos como frutas, plantas e outros. Também sabemos contar a semana como segunda-feira através de linha de algodão. E também marcamos tronco de arvores com carvão para contar semanas, sabemos contar também os horários através do canto dos pássaros. Então o nosso calendário é muito importante. O *nimo* é o calendário o meu povo *Wajapi*, usado para contagem do dia de semana. Fazemos o nó, e cada nó representa um dia da semana, o meu povo usa no dia a dia para trabalhos, caçadas e outros muitas antigas. Cada nó de fibra de algodão é outro dia, é nesse jeito que contamos a semana.

Eu como diretor da escola wajapi estou percebendo esse tipo de trabalho fragmentado, do mundo não indígena, do karaiçõ. Minha função como diretor da escola é liderar todas as instituições de ensino vinculadas ao meu trabalho, sejam da sede da

escola e as escolas/salas anexos, garantindo assim a qualidade do ensino, o bom funcionamento e atendimento à comunidade wajapi. Preciso como diretor atender a demanda dos wajapi através das reivindicações do povo, para então poder cobrar ações junto aos órgãos governamentais, como a Secretaria Estadual de Educação (SEED/AP) e o Núcleo de Educação Indígena (NEI/AP).

Como diretor estou fazendo trabalho de lideranças, participando reuniões, ouvindo as comunidades do povo, lutando para que nossa educação escolar wajapi permaneça sempre como educação diferenciada. Queremos implementar uma educação escolar de fato diferenciada, que permita seguir em frente com a boa qualidade de vida de nossa cultura wajapi, nossa escola tem que ter isso para ser diferenciada, para que a educação e cultura wajãpi permaneçam fortalecidas inclusive no espaço escolar. Nós wajapi queremos uma boa escola mas diferente da escola do karaikõ. Se a nossa escola wajãpi não for específica e diferenciada ela não vai ter mais festa tradicional, os conhecimentos wajapi vão desabar ou sumir para sempre, porque a cultura é muito difícil de recuperar.

Por isso meu trabalho como diretor da escola wajapi tem que enfrentar todos esses tipos de problemas. Precisamos saber qual é a forma de ensino que está entrando na Terra Indígena, como a escola está funcionando e o que ela oferece em termos de conhecimento para o povo wajapi. Essa preocupação é o meu trabalho de diretor, de educador. Preciso monitorar o ensino escolar e trabalhar junto com o conselho de lideranças locais e regionais. Antes de fazer qualquer coisa, procuro sempre consultar as lideranças para definir quando que podemos fazer o período de aula, seja do Ensino Médio assim como da formação de professores, respeitando o calendário de atividade das comunidades wajapi e as reuniões dos não indígenas. Assim, fazemos o calendário wajapi da escola juntamente com lideranças, envolvendo diretores das escolas, representantes da associação da comunidade. O meu povo wajapi tem seu próprio calendário de vida próprio, tem o tempo de roça, de plantar, caçar, colher frutas, fazer festas. Cuidar para atender esse calendário é o meu trabalho como diretor da escola wajapi.

A escola indígena é organizada através da comunidade, chefes, professores, pedagogos da escola, diretores da escolar. Por exemplo da minha escolar Indígena Estadual *Okora'yry* onde atou como direção da escola, é organizada através da minha comunidade juntos com equipe de quadro de profissionais como professor *Wajapi*, caciques, mulheres, homens. Também como diretor da escolar, eu sou mais encarregando

sobre a escola *Wajapi*, sempre tenho que ficar atento, para a escolar funcione com boa qualidade de ensino na aldeia *Wajapi*.

Os horários e organizada pelos pedagogos, junto com professor *Wajapi* das escolas, os pedagogos fazem acompanhamento pedagógica das escolas *Wajapi*. Então durante da atividade pedagógica, fazem organização da horários para professores trabalharem das escolas também para equipes de merendeiras e serventes, a escola *Okora'yry* e uma sede que ficar na BR 210 na aldeia, a mais de 100 km do município de Pedra Branca do Amapari nessa escola tem um pedagogo não indígena Marcelo, um servente 2 merendeiras é são indígenas, tem professor graduado em licenciatura Intercultural Indígena CLII, *Seki Wajapi*, tem um diretor indígenas, atualmente tem cinco salas anexa espalhando pela território indígena que pertencer a escola *Okora'yry*, a sede e com salas anexas tem mais de 89 alunos total, mas a escola não recebi a merenda escola e nem materiais escolar, por causa que não tem recurso, disponível para escola, a escola *Okora'yry* criada em deste de 1999 e até hoje existiu ainda. A escola atende as sete comunidades nas aldeias de região.

Cada professores *Wajapi* se organizar, fazer planejamento oque vai ensina, qual e metodologia, conteúdo, para trabalhar na sala de aula, e alguns seguiu o planejamento que os pedagogos não indígena elaborou, durante do acompanhamento pedagógica, e assim que funciona aula desta escolar.

### **Jimo'ea**

Antes de contato com os não indígenas, *Wajapi* tinha única educação. A educação funcionava muito bem, não prejudicava o modo de vida do *Wajapi*, trabalho e calendário muito bem organizado, funcionava bem com tranquilidade, como os casamentos, festas, reuniões, ensinamentos, conhecimentos histórias, os filhos e netos aprendiam muito bem boa qualidade de ensino de conhecimento dos antigos, sejam ensino e práticas de trabalhos, festas, respeitos regras, casamentos, praticava muito bem a cultura, falava somente pela própria língua. Quando povo *Wajapi* já tem o contato com os não indígenas, a educação escolar *Wajapi* mudou muito, no momento os *Wajapi* estão em guerra sobre sua educação escolar, dentro da aldeia já temos outro modelo de educação *Wajapi*. Hoje em dia, as crianças e jovens *Wajapi* só querem estudar somente na escolar, não querem mais ouvir o conselho dos pais, ou ouvir conto da história, por isso mesmo, a educação escolar *Wajapi* é a grande preocupação deste momento.

Penso sobre a educação escolar *Wajapi* o seguinte, tem duas coisas como educação *Wajapi* e educação escolar *Wajapi*, a educação *Wajapi* é aquele ensino tem a ver com a família com o pai mãe avó, avô, como conto da história tradicional, pratica da cultura, modo de vida *Wajapi*, trabalho cotidiano e outros, então isso é para ensinar filhos e netos somente em suas moradias, no seu trabalho cotidiano, tudo lugar. E a educação escolar *Wajapi* é aquela que vão para escola onde tem estrutura, cadeira cadernos, professor. Estudam somente nas escolas, que não são de aprendizagem de *Wajapi*, exemplo: muitas jovens *Wajapi* estudam dentro da escola somente com a matéria de português, como das matemáticas, história de Brasil, pratica de arte que vem de fora da aldeia igual da cidade, então eu penso sobre a educação escolar *Wajapi*, já que temos duas, a educação escolar é uma grande novidade para povo *Wajapi*, temos que manter as duas educações funcionando juntas, e também manter a educação específico diferenciada.

Se não mantemos educação diferenciada para povo *Wajapi*, a educação de fora da aldeia vai, cada vez mais, crescer e deixar a educação *Wajapi* desaparecer e sumir das aldeias *Wajapi*. Para não acontecer isso, podemos lutar para ficar firme com a nossa educação específica diferenciada, manter os calendário diferenciados, não ensinar muito as crianças jovens, somente em salas de aula, não podemos praticar somente conhecimentos de fora da aldeia, temos que fazer equilíbrio do trabalho e conhecimento, de educação escolar *Wajapi*, precisamos fazer o equilíbrio de nossa educação escolar *Wajapi*.

Podemos produzir nossos materiais didáticos próprios, literatura indígena, língua materna, livros com conteúdos e conhecimentos próprios. Os livros de história do Brasil não ensinam nossa história *Wajapi*, nossa forma de organização social e maneira de viver. Aprendizagem de educação dentro da sala de aula e aprendizagem de fora da sala, em todos os lugares ensina história.

A educação escolar *Wajapi*, traz muita aprendizagem boa, outro lado também atrapalha a educação do povo *Wajapi*, principalmente o calendário da escola ou conteúdos que valorizam a cultura e interesses dos não indígenas, como a religião de missionários. A SEED mandou professor de ensino religioso sem nos consultar. Muitas vezes o calendário escolar afetam muito o trabalho cotidiano do povo *Wajapi*, por isso que a educação escolar *Wajãpi* vem atrapalhando o modo de vida do povo *Wajãpi*.

Mas o povo precisa muito da educação por que sem educação escolar *Wajapi*, nosso povo será atropelado pela educação, tanto quanto pela saúde de não indígena, por que hoje em dia, temos que estudar, saber lutar contra os políticos de não indígenas do



Brasil. A educação escolar ajuda também desenvolver a lutar para melhoria da saúde, politicagem do Brasil tanto da aldeia quanto da cidade por isso a educação escolar é uma arma para povo, e uma arma que utiliza para proteger diante das ameaças dos povos, por exemplo, saber falar pela língua português, e ler e escrever, por exemplo saber escrever documento para as instituições, só na oralidade não resolve. Precisamos também ler e entender documentos que os não índios fazem, por exemplo: Projeto de lei PL marco Temporal. Então a educação é muito importante para povo. Por exemplo muitas vezes órgãos dos governamentais querem que a nossa escola seja igual modelo da cidade, mas já estamos prontos para enfrentar esse tipo de ameaça. Já estamos sabendo dialogar com as autoridades, através da educação escolar do *Wajapi*, por isso que a educação só precisa ser organizada e aconselhada para construir somente um caminho para não afundar, prejudicar outra educação da tradição, que já estava praticando por muito tempo, pelo povo daquele lugar do ou de outras aldeias, principalmente não podemos copias modelos, como (PPP) projeto político pedagógico, educação escolar de outros povos ou de não indígena do Brasil. Cada povo tem que ter sua própria arma de educação, tem que ter sua própria história e modelo de educação daquele povo.

Como podemos trabalhar respeitando nossa forma de organizar na aldeia? os alunos podem fazer pesquisas com os narradores mais velhos, apresentar sua história de conhecimento, então cada grupo de alunos explicam suas descobertas. Qual o principal objetivo da história? Depois juntam as narrativas e discutem, até que elaboram uma solução para entender o objetivo para chegar até final da conclusão da história. Mas a história nunca termina. Por isso mesmo, sempre temos que achar uma solução para caminhar junto, é desse jeito que a educação escolar deveria funcionar para não ferir outras práticas pedagogias.

Muitos alunos gostam de escola. A escola é uma grande surpresa para os alunos, eles ficaram curiosos. Todos querem estudar para ter o nível de conhecimento de estudo para experimentar, cada dia que passa surge uma história, maioria dos alunos querem tem uma escola para estudar, muitos alunos pensam que a educação escolar é um estudo de aprendizagem e defesa da educação, da saúde, cultura e do território. A terra para indígena é única fonte de sobrevivência, é de lá que tira alimentação. Por isso mesmo, alunos querem ter uma oportunidade para conhecer outras aprendizagens de estudo, como

aprendizagem é imenso, hoje em dia precisamos da escola, por que todos nós viemos enfrentando no momento atual novos desafios, como a pressão sobre o nosso território. Para povos indígenas, lutar diante das ameaças é lutar para viver, como as ameaças às culturas do povo, línguas e território.

A educação escolar é também para assumir os cargos importantes para nosso futuro com autonomia, como dos professores, profissionais de saúde, advogados, antropólogos e outros, por isso que alunos precisam e gostam de estudar e conhecerem o estudo de aprendizagem da escolar. Alunos gostam de estudar sobre história e diversos fatos históricos, estudos sociais, línguas indígenas, como a sua língua e conhecer mais sua língua. Sobre demarcação dos territórios e quem participou do movimento indígena, na luta pela defesa da terra? Os alunos gostam mais de estudar sobre cultura do seu povo, realidade do seu povo, história do seu povo, estuda mais sobre história do não indígenas, livros de história, línguas, trabalhos, mudanças climáticas, desmatamentos. Alunos não gostam de estudar é sobre culturas de não indígena como festas, danças, bebidas não indígenas, esporte e lazer de não indígenas. Vidas social de fora da aldeia, línguas dos outros povos. Esporte de que não é do seu povo e outros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os que falta na escola para oferecer a educação escolar da maneira como Wajãpi querem é ampliar, reformar construção da escola com boa estrutura, equipar a escolar, tem que ter secretaria escolar para organizar a vida escolar dos alunos, tem que ter energia para ilumina a escolar, tem que ter uma sala de aula de professores. A escola dever funciona de acordo com o calendário escolar Wajãpi, não pode aplicar o mesmo modelo da educação escolar da cidade, SEED deve entender e respeitar, o calendário diferenciando *Wajãpi*, atender demanda da escolar de comunidade.

A escola melhoraria se estiver com quadro de trabalhadores, profissionais da educação, que são professores indígenas da escola, como diretor da escola, pedagogos, secretário da escola. Atualmente a escola *Wajãpi* tem quatro 4 pedagogos não indígenas e 7 diretores da escola *Wajapi*, 1 diretor não indígena e 6 diretores *Wajãpi*, mesmo assim não é suficiente para atender a educação escolar *Wajapi*, falta ampliar mais equipes de professores indígenas e diretores pedagogos e secretario da escola. A UNIFAP em curso

de CLLI dever oferecer habilitação em pedagogia, formar alfabetizadores nos preparar para entender a gestão escolar. Quando fui indicado para ser diretor, comecei do zero, fui aprendendo praticando. Queremos professores indígenas no ensino regular, para assumir nossas escolas com autonomia.

O chamando de Sistema Modular de Educação Escolar Indígena-SOMEI tem professores não indígenas. Mas os professores *Wajãpi* estão começando entrar para exercer o cargo de professor, assumindo a sala de aula nas aldeias, são professores de três disciplinas: língua materna, cultura e matemática. De língua *Wajãpi* é o professor *Makaratu*, e de cultura e o *Aikyry* de matemática e *Seki*. A SEED tem quer atender demanda do povo *Wajapi* para contratar mais professores *Wajãpi* da escola para trabalhar nas escolas *Wajãpi* das aldeias.

Em escolas *Wajãpi*, as salas anexas cada vez mais estão aumentando, espalhando pelo território *Wajãpi*. Tem a escola sede, que fica na aldeia *Aramirã*, lá é local onde realizamos eventos como formatura, reuniões e assembleias. As salas de aula anexas ficam espalhadas pelas aldeias, no território *Wajapi*. E também número de alunos *Waiapi* está aumentando cada vez mais. Precisamos de mais professores indígenas contratados para melhoria da educação escolar *Wajãpi*. A SEED tem que ouvir e conhecer realidade da educação *Wajapi*, a SEED, antes de fazer algo, sempre tem que consultar o povo *Wajapi*, como sobre ensino de escola, quais ensino que povo *Wajãpi* precisam.

O governo tem que consultar sempre, sobre compra de merenda escolar e outros, não podem fazer seus projetos sem consultar *Wajãpi*, tem que consultar o povo *Wajapi* antes de aplicar seus projetos nas escolas indígenas. Porque tem alguns projetos que não tem nada a ver com os *Wajãpi*, nem é de interesse de povo *Wajapi*.

Por exemplo, modelo de educação escolar da cidade, PPP projeto político pedagógico de uma escola rural ou da cidade. O projeto de escola do nosso povo considera a maneira de organizar no território, uso coletivo e defesa da nossa terra, de acordo com interesses da coletividade, a terra não tem um dono só, a terra é do povo *Wajapi*. O projeto da escola que queremos, falta para oferecer ensino regular do 6º ao 9º ano e Ensino Médio, e para que a escola seja autônoma, de acordo com a vontade do povo *Wajapi*, deve contrata mais professores indígenas, como das áreas de história, matemática, geografia, professor de língua, arte, professor de cultura indígena. A escola dever ter próprio (PPP), projeto político pedagógico, o projeto deve ser bem pensando, de realidade e de educação *Wajapi*. PPP e uma coração de sanguíneos de educação escolar, por isso que PPP deve ver tudo com o ensinamento de *Wajãpi*, sejam da cultura, ensinamento do povo,

principalmente calendário escola específica do povo *Wajãpi*. Antes de elaborar o PPP para escola *Wajapi*, temos que saber o interesse, cultura e a realidade da escola do povo *Wajapi*. Temos que pensar no futuro, não podemos elaborar qualquer jeito. O PPP tem a ver com a realidade da comunidade naquela localidade ou região. O PPP tem que alcançar o objetivo de cultura do povo *Wajapi* ou ensino de aprendizagem *Wajãpi*. Assim tem que ser elaborado para construir o PPP, para escolas *Wajapi*.

Uma vez, o governo mandou um monte de livros, as lideranças não gostaram, nos livros tinha desenhos de elefante, as crianças não conhecem, desenho de girafa, de gado, tudo da cidade. Ele quer levar os *Wajapi* do jeito que ele quer, mas os *Wajapi* quer do jeito nosso. Por exemplo, os livros são cheios de novidades para os alunos, eles não conheciam muito, esse projeto é igual o calendário. No meio do trabalho da roça, o governo mandou calendário e quando que os alunos vão estudar quando estão na roça? Então, o governo não pode aplicar esse tipo de projeto, deve consultar antes qual o interesse do *Wajapi*.